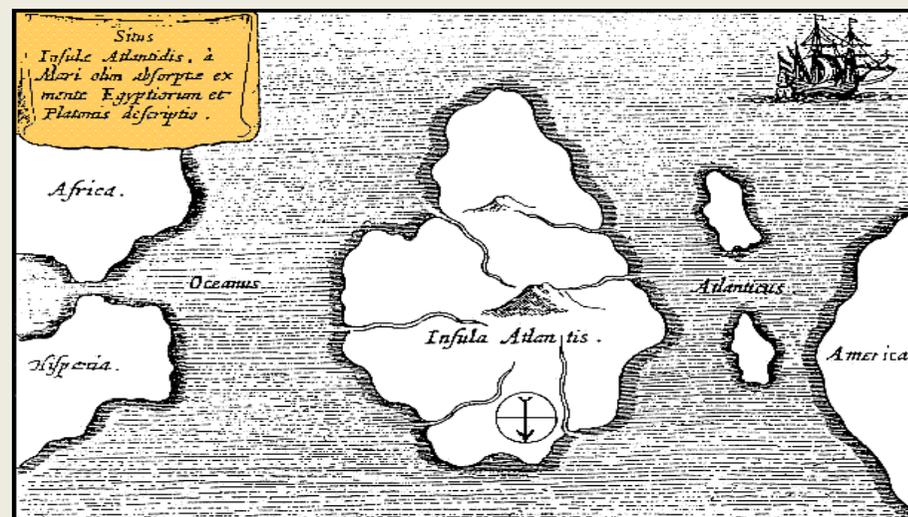


**CADERNOS DE ESTUDOS
AÇORIANOS
REVISTA DE
ESTUDOS
LUSÓFONOS,
LÍNGUA E
LITERATURA,
DOS COLÓQUIOS
DA LUSOFONIA**

CADERNO Nº 5 junho 2010

DEDICADO a ÁLAMO OLIVEIRA



CADERNO Nº 5 junho 2010

DEDICADO a ÁLAMO OLIVEIRA

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

Coordenadoras Helena Chrystello / Rosário Girão dos Santos

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

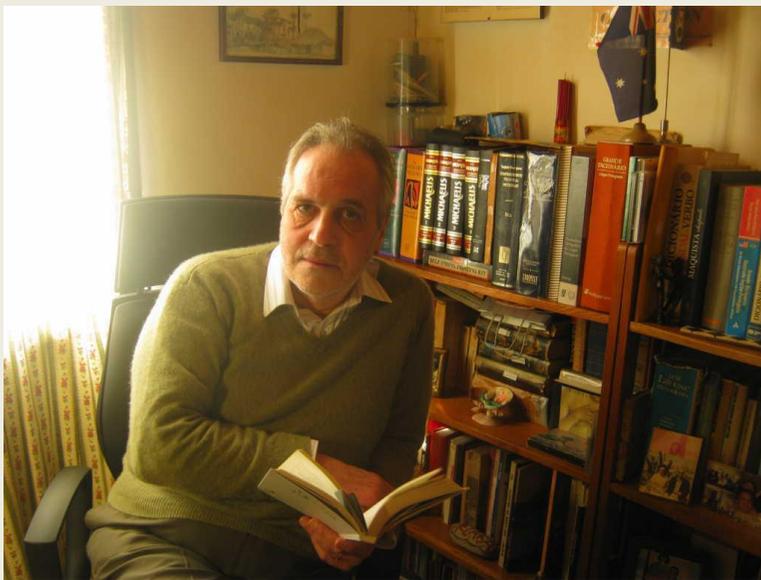


Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - **revisto janeiro de 22**

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do editor, Chrys Chrystello

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**. A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente. Em janeiro 2010, brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.**

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma **publicação trimestral** que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiosincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados»², e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*
- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

² adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolíngue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem A BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE, A PUBLICAR EM 2017 com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Dos autores contemporâneos de que falamos nos últimos Cadernos, selecionei alguns daqueles por quem nutro mais apreciação literária: **Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa** e para esta edição escolhi **ÁLAMO OLIVEIRA**. Pretendia-se com os quatro primeiros cadernos completar o ciclo anual previsto desde o colóquio açoriano de 2009 e, a partir de então, manter a publicação trimestral.



Biodados do autor:

ÁLAMO OLIVEIRA (José Henrique do) nasceu na Freguesia do Raminho – Terceira, Açores – maio de 1945.

Fez o Curso de Filosofia no Seminário de Angra e o serviço militar na Guiné-Bissau (1967/69).

Foi catalogador na Biblioteca Pública e Arquivo de Angra (1970/71);

Funcionário Administrativo no Departamento Regional de Estudos e Planeamento.

Em 1982, foi transferido para a Direção Regional da Cultura e, após a aposentação, foi convidado a colaborar, até 2010, na Direção Regional das Comunidades.

É sócio fundador do Alpendre - grupo de teatro (1976), onde tem sido diretor artístico e encenador.

Tem 36 livros com poesia, romance, conto, teatro e ensaio. Está representado em mais de uma dezena de antologias de poesia e de ficção narrativa.

O seu romance *Até Hoje Memórias de Cão*, em 3ª edição, recebeu, em 1985, o prémio «Maré Viva», da Câmara Municipal do Seixal.

Em 1999, recebeu o prémio «Almeida Garrett/Teatro» com a peça *A Solidão da Casa do Regalo*.

Tem poesia e prosa traduzidas para inglês, francês, espanhol, italiano, esloveno e croata.

O seu romance *Já Não Gosto de Chocolates* está traduzido e publicado em inglês e em japonês.



Em abril de 2002, o Programa de Estudos Portugueses / Portuguese Studies Program, da Universidade da Califórnia em Berkeley, convidou-o, na qualidade de «escritor do semestre», para lecionar a sua própria obra aos estudantes de Língua Portuguesa, sendo o primeiro português a receber tal distinção.

Com algumas incursões na área das artes plásticas (exposições individuais e coletivas em Angra, Ponta Delgada, Lisboa, Porto e Guiné-Bissau, nas décadas de 60 a 80), criou mais de uma centena de capas para livros.

Em 2010, foram-lhe conferidas as seguintes distinções: Insígnia Autonomica de Reconhecimento do Governo Regional dos Açores e Grau de Comendador da Ordem de Mérito da Presidência da República.

OBRAS PUBLICADAS:

- . (1968). *A minha mão aberta*. Opúsculo, ed. autor
- . (1971). *Pão verde*, ed. autor
- . (1972) in *14 poetas de aqui e de agora (Antologia)*. Angra. União Gráfica Angrense
- . (1973). *Poemas de(s)amor*, poesia. Tip. Fernandes
- . (1974). *Morte ou vida do poeta*. Teatro. Angra, Livraria Adriano G de Figueiredo
- . (1974). *Fábulas, poesia*, ed. autor
- . (1974). *Um Quixote*. 2ª ed. Teatro
- . (1976). *Os quinze misteriosos mistérios*. Ed. autor
- . (1977). *Manuel, seis vezes pensei em ti*, ed. autor
- . (1977) in *Antologia de poesia açoriana do séc. XVIII a 1975* de Pedro da Silveira. Lisboa ed. Sá da Costa
- . (1978). *Manuel, seis vezes pensei em ti, peça em duas talhadas com dez pevides*, 2ª ed. Angra ed. autor.
- . (1978). *Almeida Firmino, poeta dos Açores*. DRAC. SREC
- . (1978) in *Antologia panorâmica do conto açoriano, sécs. XIX e XX*, org., prefácio e notas de João de Melo. Lisboa ed. Vega
- . (1979). *Cantar o corpo*. União Gráfica Angrense ed. autor
- . (1980). *Eu fui ao Pico piquei-me*, poesia, ed. autor
- . (1982). *Uma hortênsia para Brianda*. Sep. Atlântida
- . (1982). "Abordagem (teatral) a *Quando o mar galgou a terra* de Armando Côrtes-Rodrigues", Ensaio Sep. "Atlântida" Angra
- . (1982). *Burra preta com uma lágrima*, ed. autor
- . (1982). *Itinerário das gaivotas*, ed. SREC. DRAC
- . (1982). «Nota de abertura ou Almeida Firmino, um poeta a recuperar» in Firmino, Almeida. *Narcose: obra poética completa*. Angra. SREC: 9-20.
- . (1982). *O presépio de esferovite: São Bartolomeu da Terceira com Etelvina Fraga, Manuel Fernandes*, ed. DRAC. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra
- . (1983) in *Antologia: The Sea Within, a selection of Azorean poets*, ed. Gávea-Brown. EUA
- . (1983) in *12 poetas dos Açores*, org. e notas de Emanuel Jorge Botelho. Lisboa: IN-CM.
- . (1983). *Nem mais amor que fogo*, poesia, com Emanuel Jorge Botelho. Angra ed. autor
- . (1983). *Em louvor do Divino Espírito Santo: fotomemória de Francisco Ernesto de Oliveira Martins*, conto de Álamo Oliveira. Angra. DRAC. Direção dos Serviços de Emigração. IN-CM
- . (1984). *Missa terra lavrada*. ed. DRAC. SREC
- . (1984). *Sabeis quem é este João?* Teatro, peça sobre o beato João Baptista Machado, ed. Sep. Atlântida vol. 29: 3-68 IAC
- . (1984). *Triste vida leva a garça*. 1ª ed., Ed. Ulmeiro
- (1985). «Terceirense e pintor: José Lúcio» Angra IAC: *Atlântida* vol. 30 2º sem.: 34-35.
- (1986). *Até hoje, memórias de cão*, 1ª ed. Ulmeiro,
- (1986). *Textos inocentes*. Poesia, ed. autor

- (1987). *O traje nos Açores*, com João Afonso. 2ª ed. Angra. Secretaria Regional dos Assuntos Sociais
- (1987). *Até hoje, memórias de cão*, 2ª ed., Ulmeiro
- (1987) *Interação entre atividades culturais na região e ao nível local, correntes "ascendentes" e "descendentes"*. Ponta Delgada. Universidade dos Açores
- (1987). *Erva-Azeda*. Poesia. Angra [s.i.; s.d.]
- (1988). *Açores*, fotografia de Maurício Abreu, intro e seleção de textos de Álamo Oliveira, inglês por Joaquim Nascimento. Setúbal. Ed. M Abreu e V. Figueiredo
- (1988). *Até hoje, memórias de cão*. 3ª ed., ed. Signo
- (1990). "O cenário de uma geração" inédito: 19 *Congresso de Literaturas Lusófonas de Expressão Portuguesa*, Casa dos Açores de Lisboa 15-16 jun.
- (1990). *A Madeira é um jardim, Raminho*, ed. autor. Tipografia Serafim Silva Artes Gráficas. Maia
- (1991). *Contos com desconto*. Contos. Angra: IAC
- (1992). *Impressões de boca*. Angra: SREC DRAC,
- (1992). *Pátio d'Alfândega. Meia-Noite*, romance, ficção, col. Chão da Palavra. Lisboa ed. Vega
- (1992). *Eugénio de Andrade nos Açores*. Fundação Eugénio de Andrade. Ponta Delgada. Câmara Municipal
- (1994). *Manuel, seis vezes pensei em ti*. 2ª ed. Jornal de Cultura
- (1994). *Pai, a sua benção: Antologia de textos de autores açorianos*. Ponta Delgada. DRAC.
- (1994). *A história da Belárvore na cidade da Burocrácia*, desenhos de Virgílio Toste. Angra. Dir Org. e Admin. Pública
- (1994). *Açores, Azores*, com Maurício Abreu, trad. Vanessa Seed, ed. M Abreu e Victor Figueiredo. 1ª ed. Setúbal Corlito
- (1995). *Burra preta com uma lágrima*. 2ª ed., romance. Lisboa, ed. Salamandra.
- (1995). *Os sonhos do infante*. 2ª ed. Ponta Delgada. Jornal de Cultura
- (1995). *Impressões de boca, ilustrações David Almeida*, col Gaivota 76. SREC
- (1995). *Olá pobreza, textos de pompa e circunstância*. Ponta Delgada. Ed. Éter
- (1995). *E choveu papel*, com Luís Belerique e Miguel Silveira. Angra. Dir. Reg. Org. e Administração Pública
- (1995). *Pai, a sua benção. Antologia de textos açorianos*, org com Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha, ed. Coingra. SREC. DRAC
- (1996). "O homem suspenso". *Supl. Açoriano de Cultura* nº 43
- (1996). *Olá. Pobreza!* Ensaio, ed. Jornal de Cultura
- (1996) *Os sonhos do Infante*, Angra. Grupo Alpendre
- (1997). *Com perfume e com veneno*, Lisboa, ed. Salamandra
- (1998). *Mar de baleias e de baleeiros*, com João Afonso. Museu dos Baleeiros. Lajes ed. SREC
- (1998). *António, porta-te como uma flor*, gravuras de António Dacosta. Lisboa, ed. Salamandra
- (1999). *Já não gosto de chocolates*, Lisboa, ed. Salamandra
- (1999). *Morte que mataste lira*, com Carlos Alberto Moniz, Teatro, Lisboa ed. Dito E Feito
- (1999). *Almeida Garrett, ninguém*, teatro. Alpendre, ed. autor
- (2000). *A solidão da Casa do Regalo*, Prémio de Teatro Almeida Garrett 1999, ed. Salamandra
- (2000). *Memórias de ilha em sonhos de história. Poemas sobre aquarelas de Álvaro Mendes*, ed. Álvaro Mendes
- (2000) in *Nove Rumores do Mar, Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea* org. Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Instituto Camões e Seixo Publishers
- (2000). *Valter Vinagre, espírito nas ilhas*, com Valter Vinagre, Manuel Hermínio Monteiro, ed Instituto Camões. MNE.
- (2001). *Cantigas do fogo e da água, quadras sobre aquarelas de Álvaro Mendes*, Teatro do Ser, atuações 1999, 2003, 2006
- (1999). *Judite, nome de guerra de Almada Negreiro, Adaptação*. Teatro [s.i.; s.d.]
- (1999). In *Neo 1 vol. 1* com Urbano Bettencourt, Adelaide M Batista, Carla Silva, Pedro Alvim Pinheiro, ed. Dept.º de Línguas e Literaturas Modernas. Universidade dos Açores
- (1999). *O homem que era feito de rede*, com Katherine Vaz e Vamberto Freitas, ed. Salamandra
- (2003). *O meu coração é assim. Antologia editada por Diniz Borges*, ed. Câmara Municipal de Angra
- (2003). *Até hoje, memórias de cão*. 2ª ed. Salamandra
- (2003). *Angra. cidade do mundo. Sanjoaninas 1999*. Terceira, foto Carlos Garcia, ed. Fotoletras
- (2004). "Pedro da Silveira 1922-2003, um breve perfil". *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* vol. 13
- (2004). *A solidão da Casa do Regalo; Almeida Garrett. ninguém*. Teatro. 2ª ed., ed. Salamandra
- (2005). "As mulheres em *Já não gosto de chocolates*" Manuela Marujo, Aida Baptista e Rosana Barbosa (ed.) *Congresso A vez e a voz da mulher imigrante portuguesa*. University of Toronto Dept Spanish and Portuguese: 68-71
- (2005). *Açores, Azores* com Maurício Abreu, trad. inglesa de Peter Ingham, ed. M Abreu e Victor Figueiredo. 2ª ed. Setúbal, Fotografia e Ed. Lda.
- (2006). *I no longer like chocolates*. Trad. Diniz Borges. San Jose. PHPC

(2007). *Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry*. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island

(2007). *Açores profundos, profound Azores*, com Paulo Filipe Monteiro e Madalena San-Bento, trad Patrícia Correa Costa. Porto. Caixotim Ed.

(2007). *Terceira, uma ilha sempre em festa*, fot. João Costa, edição bilingue. Praia da Vitória, ed. Blu

(2007). *O ciclo do Espírito Santo. The Holy Ghost Cycle com João Manuel Magina Medina, João António Martins, Ana Martins*. Angra, ed. J M M Medina

(2008). *Já não gosto de chocolates*, Ed. Japonesa Random House Kodansha

(2008). *Terceira, a ilha dos Impérios. Terceira Impérios Island* com Mário Duarte e trad de Alexandra Grilo. Praia da Vitória, ed. Blu

(2010). *Andanças de pedra e cal* 1ª ed. Praia da Vitória, ed. Blu

(2010). "Padre, Filho, Espírito Santo e o futuro". *IV Congresso Internacional sobre as Festas do Espírito Santo*. PHPC. San Jose. Califórnia

(2010) In *Passos de nossos avós*, ed. Manuela Marujo, Aida Baptista. [s.i.; s.d.]

(2011). *Caneta de tinta permanente na poesia popular*, dedicado a Manuel Caetano Dias "Caneta" Nova Gráfica ed. autor

(2011) in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia

(2011) in *Antologia da Memória poética da Guerra Colonial*. Roberto Vecchi, Margarida Calafate Ribeiro (org.). Fot: Manuel Botelho. Notas biográficas: Luciana Silva e Mónica Silva. 1ª ed. Porto: Afrontamento. Poesia [ISBN 9789723611748]: 648 pp.

(2012) in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia

(2012). *Quatro prisões debaixo de armas*, Teatro, baseado no conto homónimo de Vitorino Nemésio, ed. autor

(2013). "Adelaide Freitas", 19º *Colóquio da Lusofonia*. Maia. Açores

(2013). *Portugal pelo mundo disperso, coord de Teresa Cid*. 1ª ed. Lisboa, Tinta da China

(2013). In *Coletânea de Textos Dramáticos* de Helena Chrystello e Lucília Roxo. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia

(2013). *Murmúrios com vinho de missa*. 1ª ed. Angra. Letras Lavadas

(2013). *Murmúrios com vinho de missa*. 2ª ed. Ponta Delgada. Letras Lavadas

(2014). "No centenário de nascimento do pintor António Dacosta 1914-2014", IAC, *Atlântida* vol. LIX

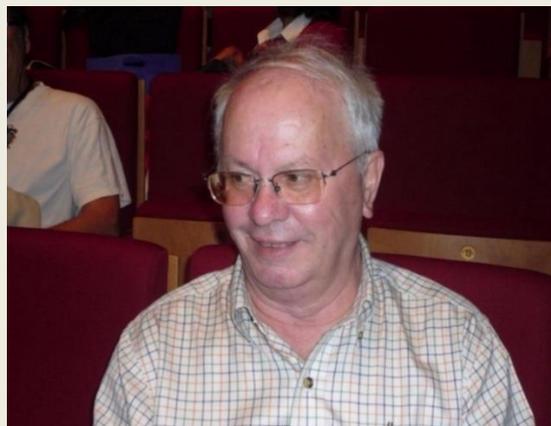
(2014). *Marta de Jesus, a verdadeira*. Letras Lavadas.

(2014). "Madalena Férin". 20º *Colóquio da Lusofonia*. Seia.

(2015). "Um escritor açoriano Manuel Machado". 24º *Colóquio da Lusofonia*. Graciosa. Açores

(2017). "A «Kρίtika Puétika», um texto de Urbano Bettencourt", 27º *Colóquio da Lusofonia*, Belmonte

Atualização da bibliografia em <https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>



GALIZA 2012



NA GALIZA NO 18º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2012



NA GALIZA NO 18º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2012



MAIA 19º COLÓQUIO 2013



MAIA 19º COLÓQUIO 2013

MAIA 19º COLÓQUIO 2013



MOINHOS 2014 NO 21º COLÓQUIO

Estória de Natal

Com Perfume e com Veneno. Lisboa, Edições Salamandra, 1997, pp. 25-31

“Toda a manhã Gustavo andou numa excitação desusada. Levantara-se cedo, sem apelos, cumprindo prontamente o que, noutros dias, fazia com demasiada preguiça. Com a mãe, ornamentara a árvore de Natal e armara um lindo presépio, fulgurante de pedras e musgos, com caminhos de areia, casas de cartão e pessoas de barro. Bombardeou a mãe com perguntas, tentando identificar as figuras com as de carne e osso, na ânsia de entender, uma vez por todas, as mil atribuições que concorreram para que o Menino Jesus fosse nascer na velha arribana dos arredores de Belém.

Sempre que a curiosidade o fulminava, os seus olhos castanhos ficavam ainda maiores e, apesar dos seus escassos cinco anos, não se deixava satisfazer com qualquer resposta. Ouvia e questionava – não por desconfiar das palavras da mãe, mas porque queria compreender os pormenores e, sobretudo, desfazer as contradições. Intrigava-o a prepotência daquele recenseamento, imposto contranatura pelo Imperador de Roma – violador poderoso da vontade de povos tão pequenos e indefesos como o da Judeia – a quem comparava, com ingénua repugnância, à América, à Rússia, à Indonésia nas suas violações internacionais, consagradas e legitimadas. Era-lhe impensável que pudessem obrigar a mãe – grávida do seu próximo irmão ou irmã – a ir até à cidade para um simples dar o nome, incomodando-a nesse belo embaraço da vida. Ele sabia que era necessário evitar qualquer perturbação. No ventre da mãe, crescia o seu sonho mais apetecido, com o qual já partilhava o melhor dos seus afetos. Irmão ou irmã não era dúvida que o apoquentasse. Apenas desejava que o tempo passasse depressa para que o nascimento se desse.

Através da voz da mãe, foi visionando os longos caminhos de terra e pedregulhos, as chuvas de dezembro enlameando o corpo e a alma, as noites longas e escuras dormidas ao relento, de Nazaré a Belém. E imaginava as apreensões múltiplas que S. José e Nossa Senhora ruminaram perante os perigos eminentes de assaltos e desfeitas, incluindo as pragas engolidas contra quem assinara o edital romano e os incomodava sem reboços só para se dar ao luxo de saber sobre quantos desgraçados impunha o seu poder.

“Porque não foram de camioneta?”, perguntou Gustavo. E ficou a saber que, nesse tempo longínquo e quase lendário, as camionetas eram simplesmente imprevisíveis e que andar de burro era, mesmo assim, um privilégio de remediado. Muitos outros –

mulheres, velhos e crianças – terão ido a pé, sem mais contemplações. Ele nem queria acreditar que pessoas como os avós tivessem sido obrigadas a deixar as suas casas, enfrentando os medos de caminhos pejados de salteadores, só para satisfazerem os caprichos de um imperador que se quedava na sua enorme cidade, no esplendor do seu palácio, com tanto de lonjura como de tropas e escravos. E havia também o despeito pela liberdade ferida, um ódio mudo, mas não adormecido, de quem se via sujeito ao poder estrangeiro que desrespeitava a alma, a cultura, a religião, o direito de ser povo.

“Naqueles dias, Belém tinha as casas e as ruas abarrotadas de gente, de ruídos e de cheiros...” / “Como nas touradas?”, perguntou Gustavo. / “Mais do que nas touradas!”, confidenciou a mãe. Devia ter sido terrível esse chegar a Belém ao fim de dias de atribulada viagem, mergulhar num oceano de gente que zaragateava como enxame gigantesco, atropelando-se nas bichas de inscrição, às portas das tabernas, das casas de pasto, das pensões, dos abrigos improvisados. Gritava-se pelos guardas, sempre impassíveis, para denunciar os roubos, a partilha de um lugar à mesa ou de um recanto onde se pudesse dormir. Viam-se as consequências da embriaguez, através das brigas, dos insultos, dos piropos soezes. Mulheres de porte fácil deixavam-se apalpar, entre gargalhadas e algumas moedas, por transeuntes ocasionais. As ruas nauseavam de restos de comida, de excrementos, de corpos por lavar. A cidade era um incomensurável caixote de lixo.

“Quando S. José e Nossa Senhora entraram em Belém, anoitecia. Foram percorrendo as ruas por entre pragas e tropeções e os relinchos espantados da burra. Havia pessoas deitadas nas valetas, os corpos entrançados num rodilhão de promiscuidades. Algumas janelas deixavam passar a luz débil das lamparinas de azeite...” / “Ainda não havia luz elétrica?”, interrompeu Gustavo. / “Não, meu filho! A eletricidade é bastante recente...” / “Coitadinhos! Então, não iluminavam as árvores de Natal?” / “Claro que não. O Menino Jesus ainda não tinha nascido...” / “Ah, sim!” E Gustavo sorriu da sua própria infantilidade.

Nossa Senhora chegou exausta. Respirava com dificuldade. Tinham chegado dores de corte de faca ao seu baixo-ventre. Estava na hora do parto. S. José desatinou numa corrida desesperada, batendo a todas as portas. E sempre recebeu a mesma resposta: *“Não há lugar nem para ficar de pé!”* Voltou para junto de Nossa Senhora com um desalento mortal. A hipótese do seu filho nascer numa rua qualquer de Belém, rodeado de gentes desconhecidas e despudoradas, fazia-lhe subir à garganta uma angústia de vômitos e de lágrimas. Dentro de si, gritava: *“O meu filho não pode nascer aqui. Vai morrer de frio!”* E, com a burra presa pela arreata, empurrava as pessoas

para o lado sem que soubesse que direção perseguir. Nossa Senhora, contorcendo-se de dores e de aflições, procurava aparentar uma serenidade impossível.

“Fossem para o hospital, mamã!” / “Também não havia hospitais!” / “Quando ficavam doentes, onde é que se tratavam?” / “Provavelmente, tratavam-se em casa. A não ser que fossem leprosos – uma doença ruim que os afastava dos parentes e dos amigos...” / “Como a sida?!” Mas Gustavo não esperou pela resposta. Impacientava-o ter deixado S. José e Nossa Senhora naufragados nas ruas de Belém e o Menino Jesus quase a nascer. Valeu-lhes uma velhinha que disse haver, fora das portas da cidade, uma pequena arribana coberta de palha. Nem agradeceram a informação. Com a burrinha a trote, correram para lá. Foi quando se deu o milagre.

Um pelotão de anjos desceu do céu e, logo à saída de Belém, transportou a burrinha com Nossa Senhora e S. José até à arribana. Os anjos, batendo as suas magníficas asas, entoavam, com vozes celestes, músicas que são apenas de anjo. Cantavam a noite feliz, acompanhados por bandolins, violinos, violas e um acordeão. O mais pequenino – roliço, loiro e de olhos azuis – importunava o coro e a tuna com o seu tambor desritmado: pum, pum, pum, pum – quatro toques seguidos de rufo. Ninguém viu. Mas foi muito bonito.

Logo que chegaram, os anjos pegaram em pás e vassouras e aprestaram-se a limpar o curral, a varrer a arribana, assustando uma vaca que também aguardava a hora de parir. De seguida, prepararam com feno, uma cama para Nossa Senhora, enquanto S. José, recorrendo a ferramenta abandonada, fez, das tábuas da baía, um confortável bercinho. Acenderam duas lanternas que dependuraram sobre a cama onde Nossa Senhora gemia. Depois, sossegaram em saborosa expectativa. De repente, ouviram um grito vindo do curral, seguido de choro profundo. Alguns anjos acorreram lestoamente. O mais pequenino caíra numa poça de lama sujando o vestido e as asas. Rompera também a pele do tambor. Ficou com o ar mais desolado do mundo. O Chefe dos anjos logo começou a repreendê-lo, ameaçando-o com o regresso forçado ao céu, seguido duma novena de recreios interditos e fechado numa nuvem. S. José, porém, depois de o limpar pacientemente, pegou-lhe ao colo e levou-o para dentro. Com o susto, até fizera chichi na fralda.

Gustavo sorria. A mãe tentava não entrar nos pormenores do parto. O seu pudor empurrava-a para devaneios descritivos que Gustavo não perfilava. Colocou os anjos do coro e da tuna suspensos dos tirantes, em posições de equilíbrio acrobático. Fez com que repetissem, muito baixinho, a noite feliz. E foi nesse entretanto que o Menino

Jesus nasceu. Era meia-noite em ponto. S. José tivera o cuidado de confirmar pelo relógio.

“Foi por cesariana ou parto normal?”, quis saber Gustavo. / *“Parto normal!”*, respondeu a mãe que se apressou a empurrar os anjos pela arribana fora, desatinados de contentamento, voando sobre os pastores do mundo inteiro e acordando-os com o hino *“Gloria in excelsis Deo”*. Era um barulho intensamente doce, iluminado por estrelas dançantes. Algumas delas, por falta de cuidado, chegaram mesmo a cair. Mas uma outra, mais esperta e avisada, desviou-se daquela confusão luminosa e foi até ao oriente para, depois, guiar os quatro reis magos que vinham de Társis, África, Pérsia e Sabá até à arribana de Belém. Chegaram três carregados de ouro, incenso e mirra – ofertas de pouco sentido prático e que, mais tarde, os intérpretes de evangelhos procuraram, em vão, decodificar. O quarto rei, porém, perdeu-se. Só chegou trinta e três anos mais tarde, sem nada para oferecer. Também Jesus já não precisava. Pregado na cruz, apenas lhe apetecia morrer.

“A mãe está a desconversar...”, disse Gustavo. E estava. O Natal era o Natal e só o Menino Jesus interessava. Voltaram à arribana que estava quase vazia. O anjo pequenino teimava com o Menino Jesus para que experimentasse tocar tambor. Sem lhe dar qualquer atenção e consciente de tarefas mais urgentes, mamava gostosamente.

A noite arrefecera. Nevara sobre a serra e um vento corrupto trazia o frio até à arribana. O Menino Jesus podia enregelar. Então, a vaca e a burrinha aproximaram-se, aquecendo-o com o seu bafo quente e húmido. Nossa Senhora e S. José sorriam e beijavam ternamente o Menino que, depois de mamar, adormeceu. Colocaram-no no bercinho e o anjo do tambor começou a embalá-lo.

“É, por isso, que o teu presépio tem um anjo, uma burrinha e uma vaca”, disse a mãe. Gustavo olhou-o e confirmou. Depois, não se conteve e perguntou: *“Mamã, o Menino Jesus teve irmãos?”* / *“Não, meu filho. Ele é sempre o Menino Jesus!”* / Então, abraçando ternamente a barriga da mãe, concluiu: *“Não sabe o que perdeu!”*

Com Perfume e Com Veneno



«Os membros do gabinete do senhor Presidente estavam em pânico. Há dois dias que procuravam contactar, por telefone, a pequena ilha para anunciarem a data do programa da visita constitucional. Mas o telefone apenas devolvia ruídos intermitentes que não forneciam qualquer interpretação técnica. Era como se estivessem a ligar para o ponto zero do quintal mais próximo. E, no entanto, era urgente cumprir a lei que prescrevia: «Ao menos uma vez por mandato, o governo visitará cada uma das suas ilhas» Faltava a mais pequena e mais distante. É que, passado quase um século, o mandato terminava na semana seguinte e, em vésperas de eleições, nenhuma ilegalidade podia transformar-se em trunfo nas mãos da oposição. Só que o telefone não atinava com aquela ilha pequena e distante. O eco nem tinha forças para lhes devolver o apelo.

Houve que reunir de emergência. As calvícies aumentaram, branquearam cabelos, fizeram-se esforços suplementares e aconteceu o habitual: suores frios e derramamentos cerebrais. Mas não conseguiram qualquer contacto com a ilha, mesmo com funcionários destacados para discar o número durante vinte e quatro horas.

Sobre a mesa de reuniões, puseram todas as hipóteses: avaria do único telefone da ilha (a Companhia não o podia comprovar e, muito menos, reparar); que os habitantes andavam a festejar o Espírito Santo (era época disso); que estavam a ensaiar folclore (em tempos, tinham-lhes prometido um passeio); que os membros da filarmónica estavam a aprender a tocar o hino para a eventual visita do senhor Presidente; que se mantinham ocupados em qualquer acontecimento social. Mas em

circunstância alguma, ficariam impedidos de passar, mesmo que fugazmente, pelo telefone.

Puseram, então, hipóteses mais convencionais: descontentamento com a governação (nem sequer conheciam o senhor Presidente); mudança de pátria (a América ali tão perto e muito mais rica); alguém com a conivência do padre, dera o grito de independência e pronto.

(...)

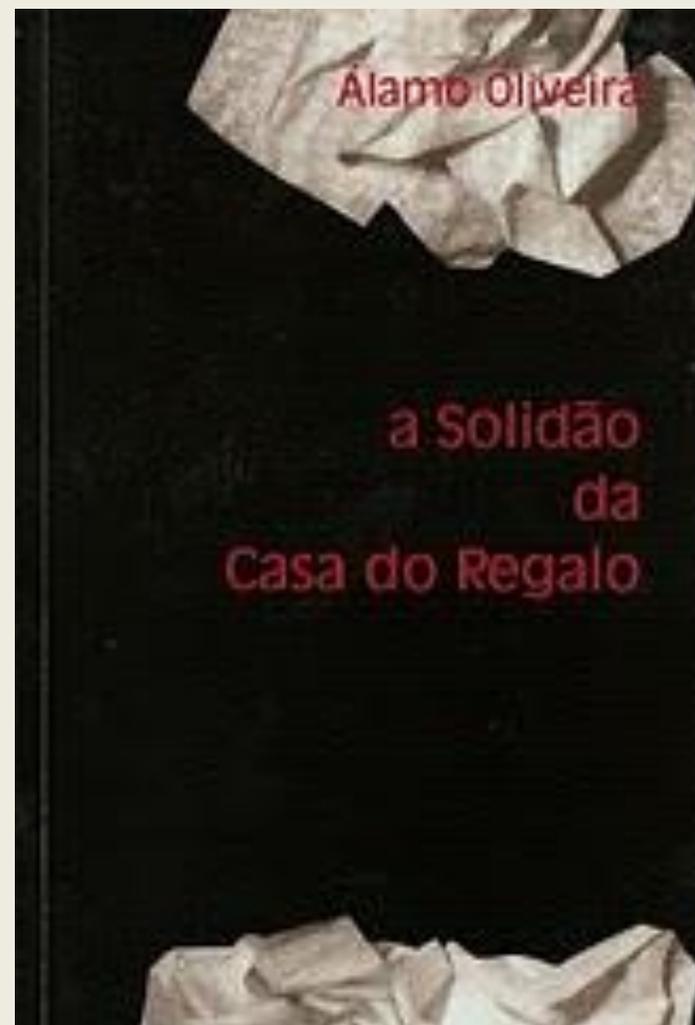
Partiram como calhou. Pouca bagagem. Nada de coisas supérfluas. O Chefe de gabinete meteu, na pasta, o mais importante: o discurso que o senhor Presidente iria proferir - o mesmo que já lera nas outras ilhas. Enfiaram também três jornalistas e um operador de câmara de televisão para o registo óbvio. Era o q.b.. O senhor Presidente enjoava a bordo e, por simpatia, os membros do gabinete enjoavam também. Era bonito ver toda aquela solidariedade governativa. Conseguiam mesmo imitar os roncões presidenciais que, com a continuidade, desfaleciam até se transformarem em gemidos agónicos. Mas só numa viagem como aquela se conseguia avaliar o sacrifício de governar ilhas.»

(...)

O barco foi-se aproximando. Reduziu a velocidade e deslizou como tapete rolante ou mosca sobre taça de gelatina. E quando o cais ficou à mão de atracar, já todos tinham caído no oceano do desânimo. É que nem as autoridades autárquicas, nem a filarmónica, nem grupo de folclore, nem o padre, nem qualquer pessoa, se postara sobre o cais para esperar tão ilustre comitiva. Os jornalistas sentiram-se, enfim, analfabetos e o operador de câmara o escravo de todas as máquinas inúteis. Pela primeira vez, era possível provar que se pode reduzir qualquer governo à sua insignificância.»

(...)

Com Perfume e Com Veneno de Álvaro de Oliveira, Ed. Salamandra 1997 in <http://livrariasolmar.blogspot.pt/2010/05/com-perfume-e-com-veneno.html>



ÁLAMO OLIVEIRA

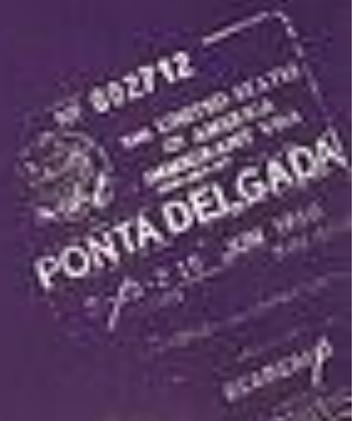
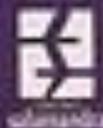


ATÉ HOJE
(MEMÓRIA DE CÃO)

ulmeiro

Álamo Oliveira

já não gosto de
CHOCOLATES



**Por Uma Lágrima Gorda
Com Perfume e com Veneno. Lisboa, Edições Salamandra, 1997, pp. 11 a 21.**

“A lembrança mais agradável que guardo (mas que é também do tamanho do meu remorso) é a da negrinha Segunda. Dei por ela no dia em que vi uma lágrima gorda rolar-lhe pelo rosto e estatelar-se sobre a mesa. Nunca mais vi lágrima que se lhe comparasse em tamanho e amargura: uma bola de cristal de maga velha. Fiquei perplexo, sem saber como era possível acumular tanta dor salgada.

Estava em Binta, terriola da Guiné-Bissau, que fora porto importante da exportação de mancarra e arroz nos tempos da escravatura suave do imperialismo lusíada. Estava ali, fardado de soldado mal fardado, apegando-me a um quotidiano enformado por horas inseguras, por um tédio amassado a suor e a cachimbo e resignado a uma paisagem de árvores, fendida pelas águas verdes do rio Cacheu – alameda por onde passeavam hipopótamos, crocodilos e algumas cobras. Tudo isto exercia, sobre mim e os meus companheiros de destino, o efeito de um soporífero maldito – mistura de medo e de torpor que nem o luar de março esmaecia. Era como se a vida tivesse adormecido sobre o arame de um circo desprovido de rede, em que o equilíbrio se desafiava a si próprio e sem que houvesse a mínima razão para evitar a queda e a morte. Por isso, a lágrima gorda de Segunda foi a minha tábuca de salvação.

O que, até hoje, fiz de mais útil foi ensinar a ler e a escrever às crianças de Binta. Todos os dias ocupávamos uma palhota que fora abandonada logo que o arame farpado delimitou a área do quartel. Apesar da falta de material didático, as crianças de Binta foram desenhando letras, formando palavras, descobrindo a grafia da voz e aprendendo que, para além dos seus inconfundíveis métodos de comunicação, também era possível fazê-lo através da escrita e da leitura. No meio dos progressos escolares, sentia-me pai-natal ao contrário, recebendo mais do que dava e, por isso, mais feliz do que aquele pequeno bando de negrinhos que, diariamente, me aparecia vestido de trapos e de sujidade e visivelmente mal alimentado. Mas, nesse tempo de infernos, de convivência com a morte, com a injustiça e outros males complementares, a tarefa de professor devolvia-me alguma da dignidade perdida. Foi nessa escola com teto de palha que reconquistei o equilíbrio mental e, sobretudo, o quanto necessitava para sobreviver e poder regressar, mais tarde, com as minhas lembranças e os meus remorsos. Segunda frequentava a minha escola e prendi-me a ela com todos os tentáculos do coração, por causa da tal lágrima gorda que, um dia, deixou cair sobre a mesa.

Então soube-lhe o nome e descobri a sua inteligência e a sua beleza. Um estúpido bê maiúsculo fê-la tropeçar no complicado desenho – as barrigas sobrepostas como mulher grávida duas vezes. Simplifiquei o desenho e dei-lhe um beijo na testa. E logo o bê saiu com a forma perfeita. Dedicou-me a vitória com uma carícia na mão e o sorriso mais cheio de ternura que alguém me deu. Assim nasceu a nossa amizade que logo se enredou de muitas e complexas cumplicidades. Almoçou comigo. Partilhamos o rancho – da minha parte, sem qualquer sacrifício. Tratava-se duma mistela de arroz com rodinhas de salsicha enlatada, sem outro sabor que não fosse aquela fome tentacular e corrosiva. Segunda quase me irritou com o seu apetite demolidor. A sua fome era também secular. Custava-me aceitar essa verdade sem que o estômago não me enfezasse com a sua úlcera de revolta. Olhei-a mais uma vez e só vi a claridade inocente dos seus olhos lindos. Passou-me a birra. Segunda era como se fosse uma flor de maio – intacta, delicada e, por isso, suscetível.

“*Viraste infanticida?*”, ouvi dizer. Ignorei de quem vinha a piada. Não me deixei morder. Queria Segunda nessa dúbia qualidade de irmã e de filha. “*Quantos anos tens?*” / “*Oito chuva!*” Partiu levando uns restos de comida numa lata enferrujada. “*Pa mêz irmão!*”, disse. Os seus pés descalços levantaram uma linha de pó vermelho que foi sumir-se de encontro aos arrevesados atalhos da tabanca. Até parecia que, naquela lata supurenta, levava a alma da felicidade. E era essa reles felicidade que me deixava abaixo de cão. Levantei-me com a vontade incontrolável de me vomitar. Fui até ao rio. Fechei os olhos e respirei fundo. O sol bateu-me no corpo com os seus raios de fogo, secando o asco que me subia do estômago ao céu-da-boca. Sabia que, se gritasse, me libertaria do remorso subjugante da guerra e das razões submersas de um colonialismo apodrecido de poder. Mas estava na hora dos silêncios quentes; da vida de África descansar à sombra do torpor da sua desgraça. Acabei por me perder numa sueca, encharcado de cerveja. Ser lúcido, ali, não era virtude que se cultivasse. Antes o álcool. Infinitamente.

Acordei com o ciciar de Segunda: “*Sô pofessô?! Sô pofessô?!*” Esfreguei os olhos, afastando as últimas teimosias de sono e ela lá estava com o seu sorriso e o meu pequeno-almoço. Comemos e fomos para a escola. Com o ridículo da minha ânsia, transferei para Segunda quanto me restava de afeto e de orgulho. Babava-me perante a sua capacidade de aprender e, sobretudo, de apreender os significados complexos da vida. Era brilhante. Tanto se lhe dava navegar nos mapas sucintos da grandeza do mundo, descobrindo gentes de outras longitudes e civilizações, como se fixava no desenvolvimento das complicadas operações de aritmética, somando ternura, diminuindo tristeza, multiplicando afetos, dividindo solidariedade. A sua vontade era contagiante. Alguns meses depois, sete dos meus alunos foram a Safim fazer o exame

da quarta classe. Ficaram aprovados com distinção. Mas só Segunda me pareceu digna desse privilégio. Andava eufórico e também infantil, premiado com o seu sorriso distinto...

...E com a sua pobreza. E isso é que me constrangia. Era uma pobreza sugadora, progressiva, medonha, irresponsável. Segunda era o rosto singular dos seus companheiros de tabanca, de África. Comiam os restos da tropa. Via-lhes as barrigas entumescidas de fome, os olhos desvitaminados, os ossos salientes sob a pele das disenterias, os rostos sujos do chão que lhes servia de cama, os cadernos enodoados de terrosas impressões digitais. Tudo isto me afogava no lodo de um remorso inconsequente e procurava purificar-me no meu afeto por Segunda. Dei-lhe uma camisa velha, a que cortara as mangas e acinturei com um cordel. Ficava-lhe bem. Ficou com um ar de rapariguinha exótica, tipo modelo para *négligée* de alta moda. No dia seguinte, voltou sem a camisa. Dera-a ao pai. Mas foi a partir desta pequena doação que virei estilista.

Mamadu – balanta e muçulmano – herdara, de um colono fugido à guerra, uma velha máquina de costura. Com ela, apertava-nos as fardas a troco de alimentos que surripiávamos da arrecadação de géneros: uns quilos de arroz, pão, óleo, latas de conserva. Procurei restos de fardas e levei-os ao homem da máquina de costura. Desenhei um vestido de corpo justo, mangas de balão, saia com folhos sobrepostos, cintura arrematada com laço nas costas – tudo dividido pelos dois tecidos possíveis: o verde liso e o camuflado. “*Não, nosso sordado! Não sei fazer...*”, disse Mamadu. Então, talhei, alinhavei e dei indicações sobre o que a agulha da máquina devia pespontar. “*Nosso sordado ser artista!*”, o vestido suspenso pelos ombros e exposto ao olhar admirado de Mamadu. Arquivei o elogio e nunca lhe confessei que, naquela peça de roupa, investi toda a minha ciência sobre costura – e também o meu receio e a minha ignorância. É que, só por acaso, o vestido resultara.

Segunda é que ficou ainda mais bonita. Pela primeira vez, despertara-se-lhe a vaidade de mulher. Confundida e enleada, mirou-se no espelho do cabo enfermeiro e correu para a tabanca a fim de explorar a sedução do seu vestido novo. Porém, mais uma vez, o imprevisto derrotou-me. Segunda apareceu-me com o vestido numa lástima. Esquecera-me de lhe pedir que o despisse antes de se deitar. Mas não desisti. Roubei quanto pude na arrecadação de géneros e fizeram-se vestidos, saias, calções, blusas – tudo com modelos diferentes -, até que fui apanhado pelo capitão que acabou por desconfiar das minhas sucessivas incursões à palhota do Mamadu. “*Ou vestes todos ou não vestes ninguém!*”, ordenou. Aceitei o desafio. E toca a desenhar, a talhar, a alinhar, a coser roupas diversas para as crianças da escola. Chegou a fazer-se um

abate prematuro de fardas para que não faltasse matéria-prima. Quando entrei na escola, estremei. Diante de mim, estava um pelotão infantil fardado a preceito e sem graça. Apeteceu-me mandá-los despir. Pelo menos a nudez dar-lhes-ia, na igualdade da cor e da idade, o direito à diferença. Segunda, adivinhando a minha decepção, logo me consolou: “*Todos irmão!*” Sem dúvida. Mas por que preço!

Os dias foram pingando. Afeto sobre afeto, Segunda tornara-se-me insubstituível. Estava no meu coração como polvo sadio, aorta sentimental, anjo da guarda de todos os perigos do meu quotidiano. Por isso, foi num de repente gelatinoso que dei por mim com os dedos a tocar no tempo do regresso. Apercebi-me disso pela algazarra do quartel, pelas calvícies remanescentes, pelas barrigas dilatadas de cerveja, pelo fel dos fígados desfeitos, pelas rugas da pele, pelos medos reassumidos. E em cada manhã ouvia-se um bruá florestal, selvagem, que era a manifestação menos demente da alegria de acordar e de riscar mais um número no calendário de parede. Apercebi-me também desse chegar pelo véu de tristeza que se foi adensando no rosto de Segunda e até pela sua impaciência velada que disfarçava, com algum autoritarismo, sobre as outras crianças. Chegou mesmo a vingar-se sobre si própria, ausentando-se para dentro, respirando os silêncios da alma.

Cabia-me preparar Segunda para a nossa inevitável separação – separação que eu também não desejava, tão inseguro me sentia quanto à minha capacidade de sobreviver sem ela. Mas, o que mais me afligia era o não ser capaz de lhe deixar uma razão coerente para o nosso adeus naturalmente definitivo. Deixara-a prender-se com o melhor dos seus afetos, enquanto eu, como adulto racional, não passara de um sádico e egoísta, abandonando-a a todas as incertezas do futuro. Retirava-lhe a muleta, que eu era, mesmo no centro do precipício. Precisava urgentemente duma esperança que lhe garantisse a felicidade. E, afinal, nem lhe podia certificar coisas tão banais como a escola, roupa, comida. Felizmente, só depois de chegar à ilha é que percebi que era o maior perdedor. Nunca mais acordei ao som da sua voz; nunca mais passei na margem do Cacheu, guiado pela sua mão; nunca mais frui dos poentes vermelhos de fogo com a sua cabeça no meu regaço. Perdi, de uma vez por todas, o direito aos seus insólitos presentes: um bolo de coco feito pela mãe; o passarinho muito inho que apanhava na cerca da palhota e, depois, domesticava; o prazer de comer a primeira manga que a estação amadurava. E acabaram os nossos diálogos, onde a Poesia pontificava na contenção das palavras e na extensão dos silêncios. E, desta vez, foi sobre o meu rosto que voltei a sentir o peso disforme da sua lágrima gorda.

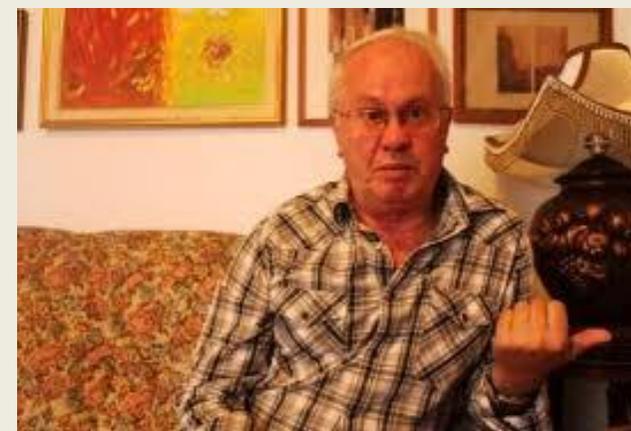
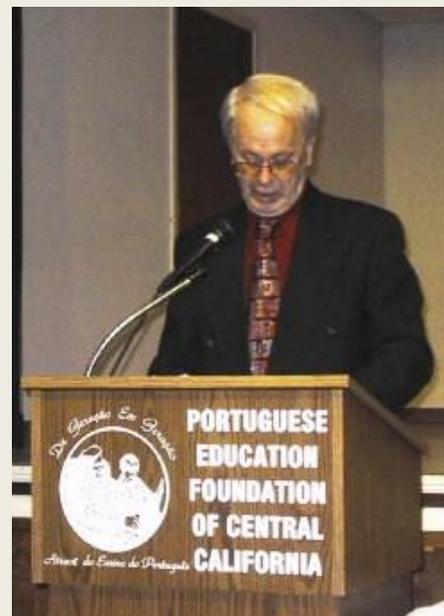
Fiquei sem jeito. Falei a Segunda na distância real das nossas terras e das nossas culturas; da incerteza do meu futuro, bastamente comprometido pela inutilidade dos anos vividos e, de todo, irrecuperáveis. Adensei tudo com verdades dramáticas, deixando transparentes a incerteza, a cobardia e o pecado da omissão. Descrevi-lhe, depois, as delícias da terra prometida, como se fossem dela. Antevi-lhe um amanhã mentirosamente risonho e deixei-lhe relevada a beleza demagógica da sua pátria. Olhou-me atordoada, inconvenida, amuada, distante – máscara que só desfez na véspera da partida.

Quando os batelões – que nos levariam Cacheu abaixo rumo a Bissau – chegaram rodeados de barcos-patrolha, restavam vinte e quatro horas para estarmos juntos. Vivemo-las tão intensamente que me deitei exausto. No momento de largar, fizemos por nos ignorar. Combináramos evitar o melodrama. E Segunda lá ficou sobre o cais de madeira, o dedo na boca, os olhos avaramente enxutos, assombrando a alegria do meu regresso com a sua recalcada tristeza. Ficou sozinha – sei lá com que futuro. Ainda hoje, sabendo que cresceu e que cumpre o seu destino na pátria sem as virtudes que lhe fiz crer, dou por mim a soçobrar com esta saudade e este remorso. Sou-lhe eternamente devedor. Se lhe dei alguns meses de comezinha felicidade, ele deu-me a coragem de continuar vivo num tempo e num lugar onde a morte chegava a ser uma bênção do céu.

... ..

Desses tempos de convívio diário com as mil presenças da morte, há imagens que continuam a perseguir-me. Bem sei que é um disparate, já que os meus ressentimentos, medos e fantasmas não oferecem resistência de maior. Têm vindo a diluir-se como a tinta dos maus frescos renascentistas. Mas não consigo esquecer-me de Segunda, com o seu belo corpo esfaimado, a sua resignação e a sua indiferença perante a presença e a superioridade da tropa. Por isso, espanto-me que, volvidos tantos anos, a minha principal referência da Guiné tenha o tamanho dessa negrinha de olhos grandes e de sorriso branco, cujo corpo exalava o perfume inexplorado da floresta e que gostava de se sentar comigo, sobre o cais de madeira, a ver o sol esconder-se atrás da mata de Ohio. E que me queimou a alma com uma lágrima gorda.

Segunda deve ser, agora, uma grande poeta. Valha-me esta consolação sofrida, que ser poeta não é bem que se deseje nem sequer ao inimigo.”





2º Ato (Extrato) Os Sonhos do Infante. Edição Jornal de Cultura, 1995

“O último sonho: o reencontro. Talvez ninguém saiba porquê nem para quê.

ANTÓNIO

- Quem sois?

INFANTE

- Que pergunta desnecessária.

ANTÓNIO

- Desculpe... Parece-me que o conheço...

INFANTE

- E nem precisas de fazer muito esforço.

ANTÓNIO

- Assim: de branco...

INFANTE

- Já sei. Pareço-te uma noiva de bigode.

ANTÓNIO

- Desculpai, senhor! Já não o via há tantos anos.

INFANTE

- Há muitos anos!

ANTÓNIO

- Andáveis vestido de preto...

INFANTE

- A cor é-me indiferente. Os séculos purificam os tons escuros. Deixam aparar as impurezas. Depois, vão corando... Um dia, fica só a cor precisa e segura.

ANTÓNIO

- Não estou a entender.

INFANTE

- Querias apenas dizer que, enquanto os homens são de memória curta, a História encarrega-se de gravar quanto interessa na memória dos livros e das pedras.

ANTÓNIO

- Reconheci-o. E não nascemos propriamente no mesmo século.

INFANTE

- Seria difícil esquecerem-me. Não que o não tenham tentado. Aliás, este meu país nunca me mereceu.

ANTÓNIO

- Como assim?

INFANTE

- Não teve corpo para arrumar a minha alma. Não teve mãos para agarrar quanto lhe dei.

ANTÓNIO

- E isso era possível?

INFANTE

- Claro que era. Bastava que houvesse a mesma grandeza de alma. Mas, não. De descoberta a descoberta, foram-se enredando em intrigas, em ódios, em venenos. Depois de cada conquista, queriam outra conquista e perdiam a primeira.

ANTÓNIO

- Mudar pode ser sobreviver.

INFANTE

- Não era mudar. Era perder. Foi assim que os meus sonhos se foram enchendo de brumas e de silêncios.

ANTÓNIO

- Senhor, tanto que se fala de si!

INFANTE

- Agora! Este país sempre viveu de luas. Todos os anos vai ao baú do passado e desenterra um morto. Logo se apressa a ver-lhe os ossos, a descobrir-lhe as vísceras da virtude, do saber, dos feitos. Depressa, sai do anonimato para ser o santo, o sábio,

o herói. Durante vinte e quatro horas é o bombo da festa, a masturbação coletiva, o orgulho da comissão...

ANTÓNIO

- Já ouvi isso!...

INFANTE

- Às vezes, esquecem-se dele na praça. Nem sequer têm o cuidado de lhe arrumar, outra vez, os ossos.

AFONSO

- Consigo é diferente!

INFANTE

- Comigo nunca foi diferente. Andam agora a assoalhar-me numa pressa escolar que mete dó. Obrigam as criancinhas a saber de mim, enchendo-lhes a cabeça com sonhos que não sonhei.

ANTÓNIO

- Todos dizem que sempre foi um sonhador.

INFANTE

- Eram sonhos meus. Originais. Agora, querem fazer passar por meus os seus próprios sonhos numa ânsia de rasurar pesadelos. Quando sonhava, sonhava em grande. Nunca fui medíocre.

CONSTANÇA

- Isso sabemos.

INFANTE

- Não tanto que o tivessem aprendido.

ROMUALDO

- Viajamos tanto.

INFANTE

- Por necessidade. Falta-vos a coragem de aventurar.

ANTÓNIO

- Aventurar?! As nossas aventuras são o que são.

INFANTE

- Apenas.

JOSÉ

- Por vezes, quisemos imitar-vos.

INFANTE

- Sem chama.

DIOGO

- Quisemos ir além da ilha; completar outras viagens.

INFANTE

- Sem convicção.

ANTÓNIO

- Sabemos navegar.

INFANTE

- Sem rumo que interesse.

FRADE

- Estais a retirar-nos a Poesia.

INFANTE

- Não. Apenas a tentar dizer que a Poesia é sonho e é tanto mais grandiosa quanto maior é o sonho.

FRADE

- Desisto de falar...

INFANTE

- Desistir é um verbo covarde. Na verdade, viveis num país desistido.

ANTÓNIO

- Não temos remissão?

INFANTE

- Depende da vossa forma de redimir.

FRADE

- Um apelo à História, por exemplo?

INFANTE

- Dei-vos estas ilhas carregadas de História. Fiz delas o poiso de todas as viagens. Aqui foram dadas, em primeira mão, as novas de achamento. Aqui se desfizeram segredos; aqui se informaram povos e culturas; aqui o mundo se tornou sabido.

BEATRIZ

- Foram outros tempos...

INFANTE

- E deixaram-nos perder.

JOSÉ

. Não tanto assim. Ainda temos aviões que, rapidamente, nos trazem outras gentes...

INFANTE

- Poucas.

DIOGO

- E todos os dias sabemos do mundo, sobre a hora de qualquer acontecimento.

INFANTE

- Então, porque vos queixais?

CATARINA

- Talvez porque apenas recebemos e nada damos...

LEONOR

- Talvez porque não podemos digerir quanto recebemos...

ROMUALDO

- Talvez porque não temos tempo de sonhar connosco próprios...

AFONSO

- Talvez por causa desta solidão mal quebrada.

MARIA

- Ou por termos as portas mal abertas...

BELISA

- Não termos asas...

INFANTE

- Sois, na verdade, bem pequenos. Não sois capazes de desenterrar os vossos heróis, os vossos santos, os vossos poetas?!

ANTÓNIO

- Dos nossos heróis e santos pouco sabemos. Permanecem, quase todos, sob o manto diáfano das lendas. E os poetas são malditos.

INFANTE

- Todos os poetas são malditos. É, por isso, que são poetas. Todos os heróis e santos são lendários. É, por isso, que permanecem. Que conheceis de mim?

ROMUALDO

- Pois... Talvez o bastante. Ou talvez coisa nenhuma.

JOSÉ

- A vossa imagem de negro, no políptico de São Vicente, é uma referência obrigatória.

INFANTE

- Apenas têm referências. E, no entanto, é o suficiente para que o sonho aconteça. Para que preparem todas as viagens e as realizem por seus rumos certos e cheguem às terras previstas. E, aí, aconteçam os outros sonhos: os do pão e os da cultura.

FRADE

- Isso nos disseram aqui há poucos anos. E nada aconteceu.

ANTÓNIO

- Eis como ficámos pobres e mudos...

INFANTE

- Mas não presos. As vossas amarras são mais inventadas que reais. Peguem nos vossos poetas e bebam o sangue da sua Poesia. Sem amor, não há sonho possível. (*Saída falsa*).

ANTÓNIO

- Já vos ides?

INFANTE

- Já. O tempo de estar na vossa memória chegou ao fim. Volto para as páginas da história de um livro que vai ficar intocável na prateleira da vossa estante. É o meu túmulo preferido. Não quero que me abandonem nas ruas, a desbotar em cartazes. Não quero ficar em textos de circunstância, em programas tidos de prestígio, em espetáculos de teatro sem teatralidade capaz. O que eu tinha de ser, já fui. Se me comeram a carne, podem roer-me os ossos... A um morto, tanto se lhe faz...

ANTÓNIO

- Afinal, também perdeste os sonhos e a vontade de sonhar.

INFANTE

- Só sonha quem está vivo. Vocês estão vivos. Podem sonhar! (*Sai!*)”

RIMANCE DE DONA BALEIA, IMPRESSÕES DE BOCA. EDIÇÕES DRAC, 1992, PP. 31-32 E 33

“estava dona baleia
a regar o seu jardim
com seu repuxo de prata
e sorriso de alfenim
quando o foguete estalou
lá no alto da vigia
anunciando a caça...
(que susto santa maria!)
dona baleia - coitada!
logo parou de aguardar
as algas que floriam
bem à tona do mar.

- foge foge meu amor
até às águas do frio!
só aí te sei segura
a regar o teu jardim
com teu repuxo de prata
e sorriso de alfenim.
mas a canoa da morte
corre depressa demais.
daqui lhe aceno a vida
feito pedrinha do cais.
e grito seu nome d’água
(seu matador quem será?).

é então que a tristeza
o medo a aflição
saltam do cais dos olhos
aos ombros do coração.
um grito aberto se ouve
em eco de mar perfeito:
- baleia à vista! baleia!
pão-nosso de qualquer jeito!
e lá vai dona baleia
fugindo pra não morrer
- deus a salve do arpão!
deus a queira proteger!

ai pobre dona baleia
como te custa viver!

mar manso todo rasgado
baba de espuma à quilha.
dona baleia procura
escapar da armadilha
que é o arpão voador
anjo de ferro esguio.
nos seus dentes de marfim
o barco que a perseguiu
o arpão que lhe deu fim.
no céu as aves e as nuvens
correm do sul para o norte.
sobre o mar e sobre a ilha
paira o silêncio da morte.
e há um poeta branco
à minha porta a bater.
não vou abri-la não vou!
já sei o que vem dizer...

ai pobre dona baleia
como te custa viver!

à costa como um poema
a desfazer-se na areia

procura quantos te amam:
Jonas deus iemanjá!
de nada lhe serve o grito.
Nada mais posso fazer.
o arpão lá vai direito
no seu peito embater.

ai pobre dona baleia
como te custa viver!

morreu dona baleia
arpada de ódio velho.
todo o silêncio do mar
ficou tinto de vermelho.
os peixes choram também.
envolta em lençol de sangue
dona baleia lá vem
arrastada até ao cais.
seu corpo esquartejado
nas caldeiras derretido
dá o pão amargurado.
e alguém há de gravar
eram cinco sois a arder
cinco talhadas de lua
que deus lhe quis oferecer.

agora dona baleia
já não lhe custa viver.”

vieram cinco marés
chorar a dona baleia.
duas choravam espuma
- branca nuvem de verão.
traziam como homenagem
um búzio em cada mão.
as outras duas chegaram
fracas de tanto chorar.
tanto sal nas suas lágrimas!
tanto sal e tanto mar!
a quinta maré não chora.
traz apenas no regaço
um grande ramo de algas
amarrado com um laço.
deixa-o deposto na costa...
de seguida reza e canta.
são cantigas de saudade
versos presos na garganta.
desfeitas são as marés.

CARTA DE JOÃO VALENTE (RAMINHENSE DA TERCEIRA) A SEU IRMÃO EMBARCADO NA CALIFÓRNIA (GASTINHAS) OU ENTÃO CANTIGAS DE COMO SE PICAM OS OLHOS DA MISÉRIA EM PICOS DE ABUNDÂNCIA

“Escrevo-te esta carta
Pra saber como vais passando.
A saudade é que nos farta,
Mas, por cá, vamos andando

Muito bem, graças a Deus.
Nestas linhas, que alinhavo
Muito mal, desejo aos teus
Tamém saúde. Por mim, cavo,

Desta hora, a mão na pena,
Poucas letras e saberes;
Tua carta tão pequena
Que nos fala em teus haveres.

Gostei de saber que tens
Friza e um novo mexim,
Sôfas, clausetas, sertãs
E alvaroses dingrim.

Já sei que tens um fogão,
Uma trela e talaveija
E que já vives no Tão.
- Mas que sorte!, salvo seja!

E cuma pisca de dólas
Te vestiste numa estôa.
- Isséqué brunir violas,
Nem fidalgo de Lisboa!

Cá ficou o teu vazio
Em manhã de cravos goivos.
(Lembro que o ar tava frio;
Rosa e Manel tavam noivos).

E a saudade se quedou,
Como caldo na tigela,
No coração que estralou,
Como vidro na janela.

Mas juntaste pé-de-meia
Já tens um bum bocado.
Isso é terra de mão cheia,
Taleigo bem aviado.

E, antes que me esqueça,
Tu diz-me se vens croar
Pro verão. Não aconteça,
Depois não teres lugar

Nos bôdos do Espírito Santo.
Os pilhoiros estão dados
E eu preciso saber quanto
Dás pelos bezerros mercados

Prá função. Que, com certeza,
Queres, de tudo, abundança...;
Sôpas e carne na mesa
E música na briança.

Só o gosto da salvação,
Vocês virem este ano!
E termos (oh, coração!),
Em casa, um americano.

A saca d'incomendas,
Coas roipas que não usas,
Já chegou. Não há imendas

Tudo parece um ingano!
Quase choro de contente!
Que terra é essa, mano,
Que dá tanto de repente!

Quando estiveres da banda
(E se isto puder ser)
Tira retratos e manda,
Que a gente gosta de ver

Vocês e essas grandes vistas
Coloridas – um consôlo!
Mesmo co mexim das fitas...
Anda lá. Não seijas tolo!

A roipa poliestra
Fica mesmo um assento
domingo da nossa festa
Farei grande luzimento.

E as suéras prós pequenos
Tamém 'stão à desbancar...
'Stão gordinhos e morenos
Cabritinhos a saltar.

Mas quem vai ficar caipora
É Maria, a minha dona,
Cum vestido de sinhora
Nem burrinha de atafona.

Seija pela vossa saúde!
(Tanta abundança nos dais!)
Que Deus sempre vos ajude
E depare cada vez mais

Nessa terra de grandeza.
Agora, as novidades
São as mesmas da tristeza,

Nem nas calças nem nas blusas. Do levantar às trindades.

E dizias que as mandavas
Não por ser de coisas raras;
Que eram roipas muito usadas;
Afinal, buas e caras.

O que primeiro entristeceu
E que já dorme no chão,
Foi ti Jaquim que morreu
Cum malzim do coração.

Fica tudo como um prego
E cá dão-nos muito jeito;
Precisa apenas um reprego
Nos alvaroses de peito.

A Galanta já pariu
uma bezerra amarela.
O trevo, por mor do frio,
Queimou-se que nem morcela.

Domingo é a matança,
Tenho inhames no quintal.
O Raminho tem uma dança
Prós dias do Carnaval.

Vem barulho da cozinha.
O mais moço bate prato.
(Tá malinho nem doninha,
Inté luvou um sopapo!)

A Rosa já se casou,
Mora na casa da grota.
E, do mais que se passou,
Nosso António tá na tropa.

e agora, se me oives,
Termino. Vamos cear
O mesmo caldo de coives
Do almoço e do jantar.

E, logo que o tempo faça,
Sua sorte vai tentar.
Diz que a ilha, nem de graça!
Pensa já em embarcar

Tira os erros destas linhas,
Minha iscola foi a enxada;
Não dá grandes ladainhas...
Bem bum! É melhor que nada!

E já se secou tamém
A figueira das coirelas.
Nossa casa, agora, tem
Tinta verde nas janelas.

É já me chama a Maria
(Eu estou no meio da casa).
Enfim! Inté calquer dia!
Tenho um sono que me arrasa.

De resto, por cada dia,
Trabalho vergado ao chão:
Mesmo raiva na barria;
Mesmo vazio na mão.

Vão saudades para os teus,
Dos vizinhos. E, da gente,
Um abraço e um adeus.
Teu irmão

João Valente"

Eu fui ao pico piquei-me. Edição de autor, 1980, pp. 24-25 e 26

Que aqui, em cada ano,
Sêmos sempre menos gente.

- Que terra é esta, mano,
Que nada dá de repente!

(Tantas vezes já picado
Fui na alma e no corpo,
Que se me dano danado,
Cairei, por terra, morto).

Maggie & etc. in Já não gosto de Chocolates. Lisboa, Edições Salamandra, 1999, pp. 67 a 71

“Qual é dos seus filhos que vem visitá-lo, Mister Sylvia?”, disse Rosemary, enquanto ia arrumando o quarto. “Hoje?!... Deve ser a Maggie” / “Muito bem! Parece boa rapariga. E, sobretudo, parece inteligente!” / “Será. Lá que é viva com um homem, isso é! Nunca deixou que lhe fizessem o ninho atrás da orelha...”

Rosemary retocou ainda alguns objetos, deu uma espreitadela ao quarto de banho e despediu-se. Joe Sylvia rodou a cadeira na direção da janela, parando diante do espelho. Pareceu-me bem. Gostava daquela camisa de riscar verdes, a condizer com a cor dos olhos, a barba cortada e a cheirar a *aftershave*, os cabelos brancos, mas bem alinhados e presos com um pequeno sopro de laca. Depois, olhou para a fotografia grande, ainda a preto e branco, com ele, Mary e os seus quatro filhos – todos muito novos e muito vivos. Esta paragem era quase intuitiva e tinha o não pequeno condão de o fortalecer, reconfortando-o. Costumava passar os dedos sobre a fotografia como se os acariciasse e seguia para a janela. Ali esperava que um dos filhos chegasse.

Maggie estava na frente do pai, sorrindo para ele como se fosse verdade. Com a maquilhagem, procurava disfarçar as rugas que iam abrindo junto dos olhos e do nariz ao canto da boca. No entanto, apesar da cor irritante do cabelo – um vermelho envinagrado de roxo -, ainda era uma mulher bonita. E, sobretudo, vestia bem.

Entrou no quarto, sentou-se, cruzou as pernas e as saias subiram de forma inconveniente. Descruzou as pernas, mas não foi ainda o bastante. Nas mãos, uma caixa de chocolates. Foi com ela que cobriu os joelhos, ostensivamente à mostra sempre que vestia aquela saia curta e apertada. Fez as perguntas da praxe: “Como está? Tratam-no bem? O quarto cheira um pouco a mofo...”

Levantou-se, colocou a caixa de chocolates sobre a cómoda e foi inspecionar a cama. “Os lençóis parece que foram lavados com banha de porco. O pai tem de exigir roupa lavada todos os dias... E que espalhem, pelo quarto, um desodorizante qualquer. Quem paga bem, tem direito a estas coisas!” Quando chegava a esta exigência, abria a mala e retirava um frasco de perfume francês com tampa de spray. Dava três pequenas pressões e exclamava: “Já está melhor!”

Joe Sylvia, que, de há muito, se habituara a este ritual, teimava para que não gastasse o perfume e prometia que Rosemary espalharia, no quarto, uma lata de desodorizante por dia. E, normalmente, as conversas ficavam por aqui. Maggie ia inspecionar o quarto de banho e aproveitava para retocar a maquilhagem. Depois, chegava à janela e comentava o calor ou o frio lá de fora, inventando, de seguida, um compromisso qualquer para se ir embora.

Porém, nesse dia, Joe Sylvia tinha umas perguntas a fazer-lhe. “Onde é que moras? / “Em Tulare!”, respondeu Maggie, pensando que o pai começava a sofrer de falhas de memória. / “Ainda vives com esse...”

Como é que ele se chama? Bobby?” Maggie melindrou-se e foi com zanga visível que informou: “Há quanto tempo foi isso? Há dois anos que estou com o Steve...” / “E o teu filho, o Jamie?” / “Dá aulas na LA University.” / “Já casou?” / “Ainda não, tendo em conta o que o pai o entende por casar.” / “Percebo” / “Então, também vai perceber que ele vive com uma colega da University e tem dois filhos. Nas próximas férias, vão vir a Tulare. Jamie já disse que virão visitá-lo. Depois, se verá...” E, aproximando-se da porta, olhou-o para perguntar: “Está satisfeito?” / “Estou. Dá saudades ao Jamie!” E baixou a voz para dizer: “Deus vos abençoe!” Maggie já não o ouviu. Tinha saído e fechado a porta. Deixara a caixa de chocolates sem lhe fazer qualquer referência.

Joe Sylvia ficou com a visita de fim de semana consumada. Os filhos tinham combinado, entre si, um regime de alternância. Cada um vinha de três em três semanas e, assim, apaziguavam a consciência de terem o pai num asilo, mesmo que de ricos. E dias de festa – aniversários, Ação de Graças, Natal e Páscoa -, juntavam-se

todos para imitar celebrações antigas, que antes eram alegres e consentidas, mas que, a pouco e pouco, se foram tornando num pesadelo indesviável. Cumpriam esses raros rituais arrastados pelas barbas da moral, invejando John que escolhera viver longe, fazendo representar a obrigação da sua presença com um postal apropriado, enviado pelo correio e que nem sempre chegava atempadamente. Nesses dias, Joe Sylvia ficava de rastos. Toda a superficialidade daqueles atos, aliado à forma como lhe mentiam e se mentiam, deixavam-no ainda mais velho e mais doente. Custava-lhe aguentar tão maus disfarces.”



Itinerário das gaivotas. ed. DRAC, 1982, p. 27

“gomo a gomo te sugam o tutano. estás a ficar mirrada rapariga. Não te deixes desaparecer por entre os dedos do dólar. agarra-te ao mar com unhas e dentes se queres ainda o teu lugar no mapa.”

“andam a dar isto aos pedacinhos
e ninguém diz nada meu amor!

isto quer dizer mar terra
e (julgo) corpo alma telhas pinheiros.

andam a dar isto menos as gaivotas
que firmes no caminho dos deuses
não se deixam apanhar
nem pelo dólar!

não é nada de grave.
e os jornais anunciam que mais um salto
temos água no governo
talvez betão em flor
talvez as mamas de vulcão nuclear.
não estás a perceber?!...
andam a dar isto.

e qualquer dia onde poremos os pés de manhã
... se acordarmos...?

Erva-azeda. Edição de autor, 1987, p. 30

“Isto de cantar a página onde pausa
o sono branco da névoa presentir
o advento pelo perfume das pombas
pelo vidro do outono nas folhas

mais o ofício de virar a página

(há um novelo de Poesia no cesto
de setembro)

* * *

isto de gostar de acácias quando
a fome te bate na janela dos olhos e
me pelas com a mão estendida pequeno
isto de gostar de acácias – digo –
cansa

lindo é um poema com cabelos de miosótis
e o novo espanto lírico que vem nos seus quadris

e perguntas para que serve o poeta

para ter miosótis e gostar
de acácias”

_sede regressada in Poemas de(s)amor. Edição de Autor, 1973

“vou voltar à terra:
saber dos milhos deste sossego de sono
sujar as unhas no chão de nós.

vou voltar à terra:
saber de ti
a casa lá em baixo como um búzio
na canada de hortênsias
que também dá girassóis – tão miúdos
por ti que de amarelo magoam.
e na terra voltado à tua casa
com a porta ornamentada pelo canário
que dizem ver-te da gaiola
eu entro como bravo
e choro como manso
aquele teu lugar sempre sempre vazio
e deixo o tic-tac do relógio bater-me
a tua voz
para tua mãe bordar
tua irmã tecer renda
e teu pai – sem regresso – ouvir
os teus dedos incendiados no bandolim
que a cassete (para nos doer) toca ao infinito.
sei lá de mim!...
nos teus quintais há trevo branco
depois haverá batatas mais silêncio

o medo e a saudade fechada numa carta.

não há ramo nem raminho
porque tu não estás...
volto a ver o teu lugar vazio:
teu pai e tua mãe não dizem nada
e vejo dos seus olhos aquele fio de água,
que aguento em minhas mãos e é cristal.

por isso vou voltar à terra...
de ti já tenho sede...”

a menina da bandeira in António porta-te como uma flor. Edições Salamandra, 1998.

“a menina da bandeira
vai de branco no cortejo
menina à tua beira
sinto aroma de poejo.

menina de porte leve
graça de todas as graças
o teu olhar doce e breve
deixa-me logo que passas.

deixa-me provar teus seios
bolos de massa sovada.
Em colo de renda achei-os.
não preciso de mais nada.

vou prender-te no meu peito

com algemas de metal.
se peço é por defeito...
quero-te branca de sal.

novinha púbere do mar
- filha do macho da ilha -
já é tempo de casar
o alfenim com a rosquilha.

ai menina menina
tentação de arroz-doce...
fogo redondo de bonina
tua bandeira quem fosse.

ó senhor espírito santo
alva pomba divina
não retires o encanto
à minha linda menina!”

a maçã In Nem mais Amor que Fogo. Edição de Autor, 1983

“como o teu corpo esta maçã apetece-me.
pego-lhe
com o suave cuidado do amor
e nas minhas mãos que o fruto se aquieta
mansamente.
sabe que a vou meter nos dentes
e não diz nada
- vestal sacrificada ao meu desejo.
tenho já o seu perfume na boca...
como a tua maçã este corpo apetece-me.

o anel In Nem mais Amor que Fogo. Edição de Autor, 1983

comes o meu corpo e
falas de frutos. ouço:
tangerina maracujá amora
tamarindo.
entonteço de nomes no delírio
da tua boca.

- estás lindo! – e nem o anel
De prata trazes vestido.

na casa do campo In Pão Verde. Edição de Autor, 1971

na casa do campo
naquela onde mais e menos vivo
a minha mãe prevalece e reza
como se me não tivesse
em maio de 45.

casa do campo e da ilha
minha febre água de bica

correndo nos meus sábados de lá ir
escutar os milhos escutar o povo

mais e menos poeta
as noivas procuram-me de enxoval
nos braços
e eu desenho-lhes os sonhos
risco-lhes as toalhas e
vejo-as ir à igreja casar.

na casa do campo sou asceta.
cresço linho de bordar
ouço os sinos vou à missa
e com o povo canto deus
para me cansar.

é nisto que reside
o meu correr de vivo o meu verbo ser-me.

Fábula da ilha - Álamo Oliveira fábulas, 1974

um bando de gaivotas em liturgia de abandono
orienta marinheiros de ignorância e cachimbo

(o barco da cruz gramada; os pés da bússola ruindo;

a mosca henriquina emigrada em sono).

na baía incendiada o grito do sossego partilha

âncoras de fundo e fumo com peixes e hortelã.

não era indício de oiro nem esfinge de sereia nem

vagabundo do sonho num deserto de cetim. era ilha!

(nas suas entranhas com vômitos de lava
sentia-se crescer a lascívia do povoamento).

....

ainda hoje se ouve a angústia do vento
percorrer as coordenadas do povo no mapa.

lua de ganga

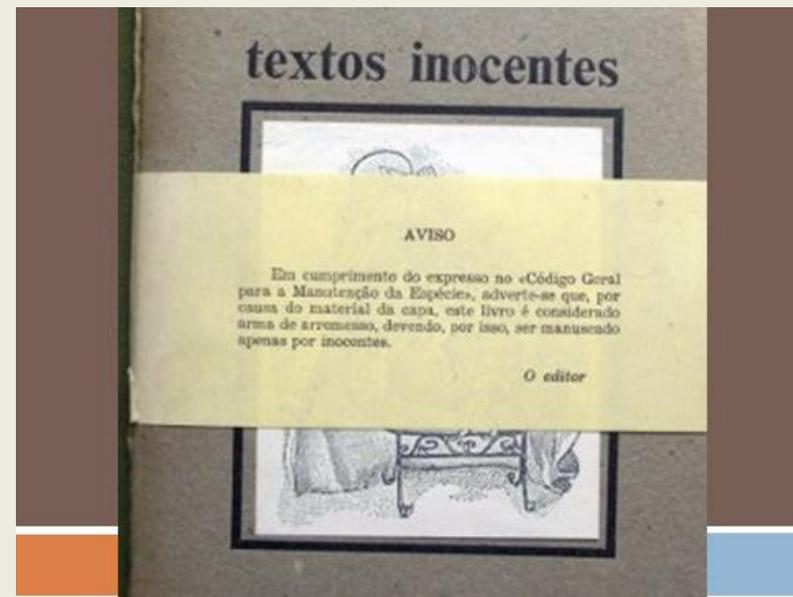
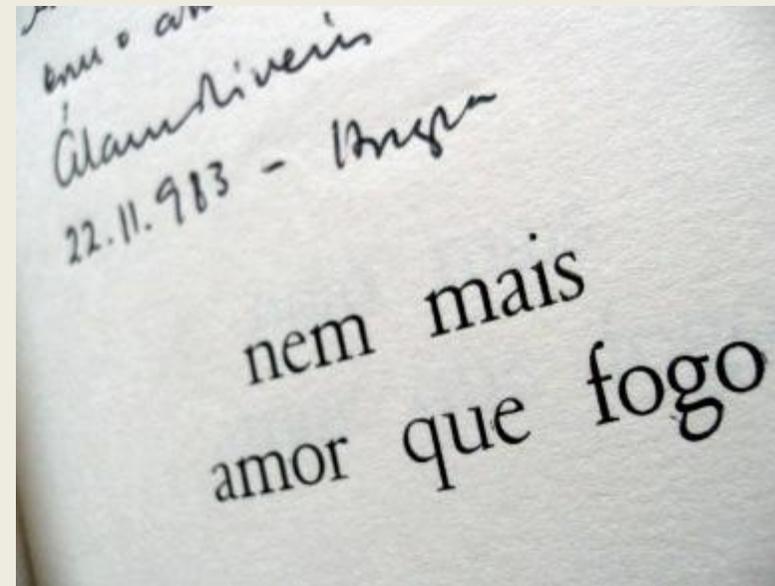
quando te via
na ganga azul do teu fato
embandeirava-me de ternura
e propunha despir-te como
se lua fosses ou nada

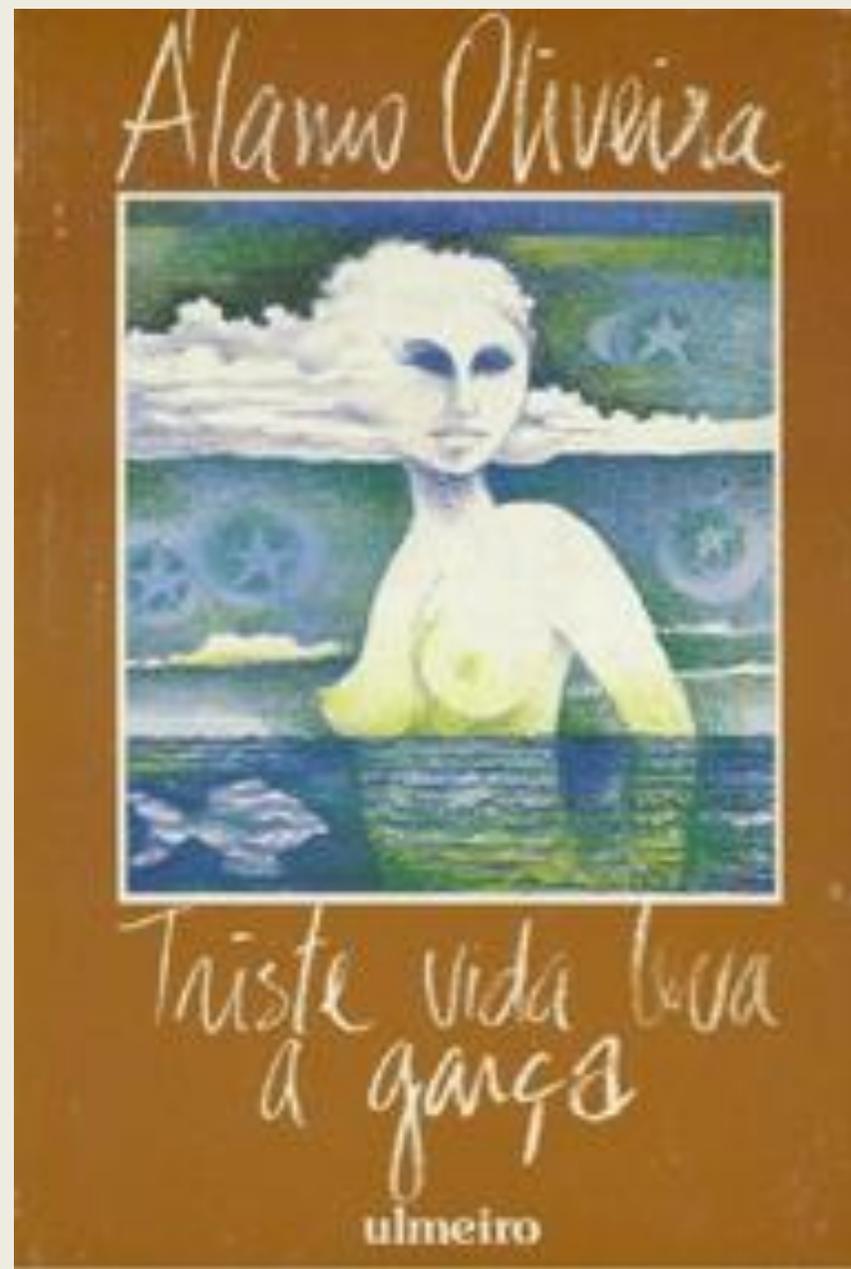
tocava
com a ponta dos dedos
o poema do teu corpo

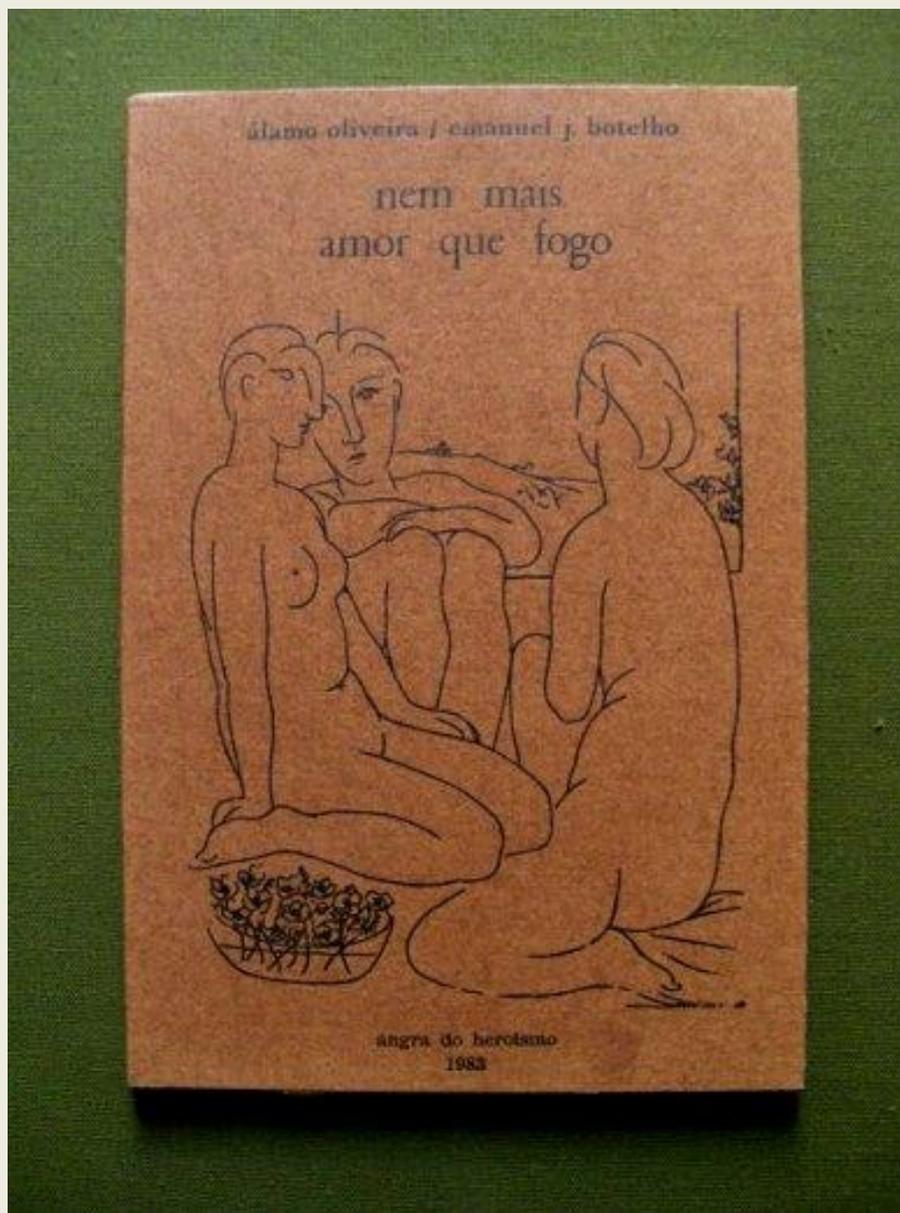
era azul mas eu morria de medo.



ÁLAMO OLIVEIRA E DANIEL DE MELO







2ª Feira | 16 > Outubro | 21h30

ALPENDRE GRUPO TEATRO [Angra do Heroísmo - Terceira]

Se o Meu Ponto G Falasse

sinopse

A peça teatral cômica, baseada num texto de Júlio Conte, Heloisa Migliavacca e Patsy Cecato, desenrola-se ao longo de quatro actos e é interpretada por duas actrizes, Daniele Garrido e Raquel Pinheiro. Foi estreada no ALPENDRE-Grupo de Teatro, em Angra do Heroísmo, em Abril de 2006.

"Se o meu ponto G falasse" conta a trajectória de duas mulheres comuns que viveram as etapas obrigatórias da mulher do século XX.

"Sonharam com príncipes encantados, decepcionaram-se com eles, viveram a dor da separação, a conquista da auto estima e do poder da sexualidade, viveram a conquista do mercado de trabalho, através da descoberta dos seus talentos, e desvendaram um mundo novo e cheio de possibilidades"

Bia e Ana, as personagens, representam a mulher que se auto retrata depois de todos os avanços da revolução feminista e traça, com muito humor e picardia, muita auto-crítica e uma pitada de auto-ajuda, o perfil da nova mulher.



Domingo | 15 > Outubro | 21h30

PRODUÇÃO INDEPENDENTE [Angra do Heroísmo - Terceira]

Boca de Mulheres



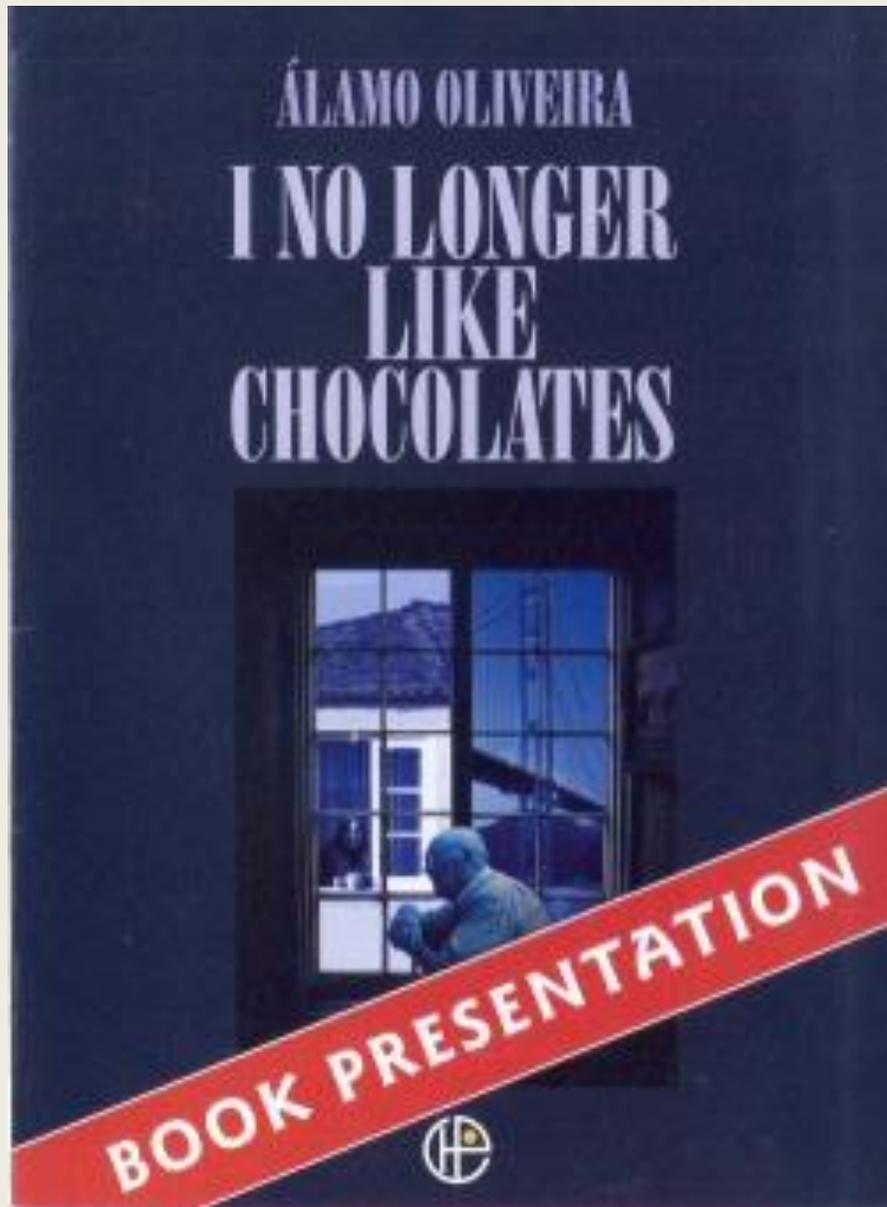
sinopse

A peça "Bocas de Mulheres" nasceu a propósito da segunda edição de um congresso sobre "A Vez e a Voz da Mulher em Portugal e na Diáspora", na Califórnia, em Abril de 2005. Foi organizado por docentes da Universidade de Berkeley e contou com muitos congressistas que, falando português, provieram de vários estados da América e do Canadá, de Portugal continental, dos Açores e da Madeira, do Brasil, do México e até de Macau.

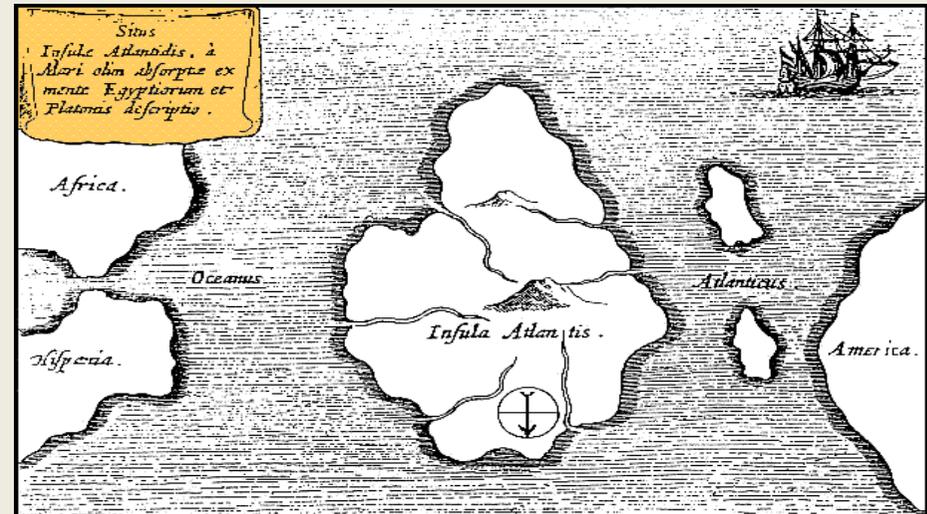
A presidente da Comissão Organizadora (Dra. Deolinda Adno) lançou então um desafio – uma representação que, de forma resumida, cobrisse o percurso histórico da mulher que este congresso abrangia.

A peça foi apresentada no Durham Theatre, situado no campus universitário, onde se ministram as aulas práticas de Arte Dramática em Abril de 2005.

Em Dezembro e Janeiro de 2006, foram dados 5 espectáculos com o Alpendre Grupo de Teatro. Ao longo deste ano e até agora, que se apresenta no Festival JUVEARTE, foi representada como produção independente em algumas cidades da América do Norte e na freguesia do Raminho, Ilha Terceira. Carmo Amaral, Filomena Ferreira e Judite Parreira, interpretam o espectáculo, que sintetiza o que se entendeu dizer no feminino em tempos, lugares, situações e estados sociais diferentes



**CADERNOS DE ESTUDOS
AÇORIANOS
REVISTA DE
ESTUDOS
LUSÓFONOS,
LÍNGUA E
LITERATURA,
DOS COLÓQUIOS
DA LUSOFONIA**



CADERNO Nº 5 junho 2010

DEDICADO a ÁLAMO OLIVEIRA

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

Coordenadoras Helena Chrystello / Rosário Girão dos Santos

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - **revisto janeiro de 22**

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115